

*Carina
Rissi*

Autora bestseller brasileira

Todas as
histórias de amor
merecem
um final feliz

Encontrada

À Espera do Felizes para Sempre

TOP
SEL
LER

I

Fiquei um pouco agitada ao observar o Isaac a acomodar as grandes caixas sobre a carruagem. A assistente de *madame* Georgette estava no passeio, ao lado de duas pilhas de embrulhos que quase ultrapassavam a sua altura. E a Anelize não era do tipo *mignon*. Ela puxava um deles para o alto, e o rapaz que cuidava do estábulo do Ian coçava a cabeça, claramente a perguntar-se onde acomodaria mais um.

Gemi e desviei os olhos. Daquela vez, o Ian tinha passado de todos os limites.

— O teu irmão não deveria ter-me comprado tanta coisa. É um exagero! — queixei-me à Elisa, a roer a unha do polegar.

A minha quase cunhada adolescente fitou-me, exibindo as suas adoráveis covinhas. O cabelo negro, como o do irmão, fazia sobressair a satisfação mal disfarçada nos grandes olhos azuis.

— A Sofia já sabia. O Ian exigiu que comprássemos o enxoval completo. Creio que teremos de voltar amanhã para buscar o restante. Ou então pedir ao Isaac para vir sozinho, caso os preparativos do casamento nos impeçam de estar aqui.

— Eu não preciso de nada disto, Elisa! — resmunguei, batendo o pé como uma criança de cinco anos.

— Discordo, menina Sofia — contrapôs a melhor amiga da Elisa, com ar sonhador. Estão a ver? Eu deveria estar a sentir-me como a Teodora, embasbacada e animada, não assustada. — O senhor Clarke compra-lhe tantas coisas apenas pelo desejo de vê-la feliz — continuou a Teodora, pousando a mão enluvada no meu cotovelo.

Uma parte de mim sabia que ela tinha razão, e eu até podia perceber o Ian, desde que ele não me comprasse a vila toda, como vinha a fazer nas semanas anteriores. Conforme o casamento se aproximava,

mais tensa e inquieta me sentia. Não sabia ao certo porquê — bem, isso não é totalmente verdade. Não que a culpa fosse minha, mas da sociedade que teimava em usar o termo errado quando duas pessoas decidiam partilhar a vida. *Contrair* matrimónio. Eu não conhecia nenhum uso positivo para aquele verbo: contrair dívidas, contrair um vírus... Os bíceps do Ian a contrair-se e a encher as mangas da camisa enquanto ele treinava os seus cavalos... humm... OK, um uso era bom, mas só aquele. Alguém devia fazer alguma coisa a respeito disso. Não é à toa que as pessoas ficam de pé atrás quando pensam em casar-se. Como fora o meu caso, antes de conhecer o Ian e ele me fazer perceber que um papel não mudaria nada. Eu tinha dado o grande passo — o maior de todos, na verdade — ao aceitar abandonar o meu moderno, tecnológico, cheio de facilidades século XXI, para viver com ele no arcaico e sem recursos século XIX.

Admirei o anel que reluzia na minha mão esquerda. O Ian desenhara-o e pedira a um joalheiro conhecido da cidade para produzir a peça. Era o anel mais espetacular que eu já tinha visto. Uma safira rodeada de brilhantes e dois diamantes triangulares de cada lado do aro dourado, formando uma flor perfeita. Acabei por suspirar.

Escolher o Ian foi simples, natural como respirar. Não dava para viver com o coração a bater fora do peito e a morar noutro século. Não havia ninguém que me conhecesse tão bem quanto ele. Nem mesmo a Nina, a minha melhor amiga, que tive de deixar para trás. Era por isso que era *tão* ridículo ficar aflita por causa de uma simples cerimónia.

Maldita Tensão Pré-Casamento!

Então ali estava eu, a ver o Isaac ser ocultado pelas caixas do meu enxoval. Já sem conseguir suportar observar a pilha de embrulhos crescer sobre o tejadilho da carruagem, sugeri à Elisa e à Teodora que fôssemos dar um passeio pela vila. Elas aceitaram imediatamente. Não que fosse surpresa. A Teodora adorava ir às compras, mesmo que fosse para comprar medicamentos. O que era exatamente o caso.

— Se não se importarem, eu gostaria de ir à botica — sugeri a ruiva. — A mamã precisa dos seus sais.

Acompanhei as duas pelas ruas de pedra da pequena vila, desviando-me de carroças e cavalos atados a estacas. Ainda era chocante contemplar aquele cenário, fazer o meu cérebro perceber que agora eu fazia parte dele. Homens com botas e casacos acompanhavam damas com amplas saias enfeitadas. Os casais paravam aqui e ali para uma conversa casual com um conhecido. Eu era abordada frequentemente

quando o Ian me acompanhava à vila — eu nunca saía sozinha, não sabia montar, muito menos conduzir uma carruagem —, e de vez em quando era alvo de inúmeras perguntas. Algumas pessoas eram simpáticas comigo, outras apenas curiosas. E era compreensível. Por mais que me esforçasse, ainda destoava — e muito — de todos ali, sobretudo se a Elisa e a Teodora estivessem ao meu lado, com vestidos cheios perfeitos graças à crinolina, coisa que jurei *nunca* voltar a usar. Uma rapariga deve impor alguns limites...

Não que eu estivesse a queixar-me, nem sequer daqueles olhares especuladores, mas às vezes... OK, quase sempre... eu sentia-me mal por ser alvo de tanto interesse. Como uma atração de circo. O Ian ria-se sempre quando eu lho dizia, e então beijava-me de uma forma provavelmente inadequada para o século XIX. Nessas alturas, eu perdia a linha de raciocínio e esquecia tudo o que me atormentava. O que, pensando bem, devia ser a intenção dele.

Humm... Acho que devo queixar-me mais vezes...

— A senhora Madalena tem tudo pronto para a festa — disse a Elisa, animada. — Restam apenas alguns detalhes a ser resolvidos. O tempo passou tão depressa que mal posso acreditar que o casamento acontecerá em dois dias!

— Também eu — concordei, saindo do caminho de um menino com roupas excessivamente engomadas que perseguia um cão desganhado e fedorento.

— É surpreendente que a senhora Madalena esteja tão adiantada — comentou a Teodora —, pois o número de convidados é bastante grande. O senhor Clarke fez questão de convidar todos os habitantes da vila.

Soltei um longo suspiro.

— Acho que o Ian convidou até aquele cão, Teodora.

Eu tinha imaginado uma pequena cerimónia na fazenda do Ian, com alguns poucos amigos, mas ele e a Elisa tinham outros planos. Planos grandiosos! E, mesmo pouco à vontade, concordei. Levei dias para endereçar e enviar todos os convites. Usar penas para escrever era uma seca, e não me saí muito bem. De qualquer forma, a minha letra era praticamente ilegível, e o Ian teve de terminar a tarefa com a sua caligrafia perfeita.

— Será uma cerimónia esplêndida, Teodora! — Desde que marcámos a data, a Elisa não falava de outra coisa. — Sobretudo quando virem a noiva. O vestido da Sofia é absolutamente maravilhoso e único.

— Não que *madame* Georgette concorde com isso — resmunguei. A costureira quase se recusou a fazê-lo. Foi precisa muita persuasão (e algumas moedas suplementares, suspeitava eu) da parte do Ian para a convencer a fazer o vestido que eu queria.

— Devo concordar que *madame* Georgette tem umas mãos de fada, e certamente o seu vestido de noiva será o mais... — Entretanto, antes que a Teodora pudesse continuar com os elogios, um homem alto e magro pôs-se no nosso caminho.

— Bom dia, meninas! — O médico da vila e amigo dos Clarkes inclinou-se educadamente, tocando na aba do chapéu redondo. — Que grata surpresa encontrá-las aqui na vila assim tão cedo.

— Viemos buscar o enxoval da menina Sofia, Dr. Almeida — explicou a Elisa. — O Isaac está a acomodar as compras na carruagem. O magricela sorriu para mim de uma forma simpática.

— Suponho que a menina esteja ansiosa com a proximidade do casamento — observou o Dr. Almeida.

— Mais do que o senhor pode imaginar — acabei por dizer.

Ele abanou levemente a cabeça.

— Estou em dívida com o senhor Clarke. Lamento não ter ido visitá-lo nas últimas semanas, sobretudo por perder a oportunidade de conhecê-la melhor, menina Sofia. E se eu corrigisse o meu erro oferecendo um jantar aos noivos na minha residência?

Eu sabia! Sabia que ele não esqueceria o assunto.

— Hmm... não vai ser possível. Muita coisa que fazer, sabe como é... por causa do casamento e tudo o mais. Mas vou dar o recado ao Ian. Ele vai gostar do convite. — Porque, ao contrário de mim, o Ian confiava naquele homem.

O meu problema com o Dr. Almeida ia muito além do rancor por ele ter sugerido, tempos atrás, que o Ian me internasse num manicómio. Acontecera logo depois de eu contar ao meu futuro marido que viajara no tempo. Obviamente, a princípio ele não acreditou, eu própria tive dificuldades em acreditar que tinha sido enviada ao passado sem passagem de volta. Eu não podia culpá-lo por ter pedido ajuda ao velho amigo da família, na esperança de me ajudar de alguma maneira. Mesmo assim, a sugestão do Dr. Almeida ainda me causava mágoa.

Com a exceção do Ian, o médico era a única pessoa ali que sabia, ainda que vagamente, que eu não tinha nascido naquela época. O meu medo era que ele decidisse investigar ou, pior, estudar o caso mais

a fundo, ainda que o Ian me garantisse todos os dias que o amigo nunca faria uma coisa dessas. Ele insistia em dizer que eu agora pertencia àquele século — pertencia ao Ian, corrigia sempre eu — e que não havia nada a investigar. Eu nunca acreditava nele, claro.

— E quanto à menina? — quis saber o médico, franzindo a testa.
— Também ficaria feliz?

— Eu... hmm... bem...

O Dr. Almeida estudou-me por momentos; então os seus ombros descaíram com um suspiro cansado.

— Não posso culpá-la por ter uma impressão tão má a meu respeito — comentou ele, insatisfeito. — Espero que, com o tempo, eu consiga mudar a sua opinião e ganhar a sua confiança. As minhas lembranças ao senhor Clarke. — Ele fez uma mesura, despedindo-se, e seguiu pela rua de paralelepípedos, cumprimentando alguns conhecidos com quem se cruzava pelo caminho.

— Porque foi tão pouco cortês com o Dr. Almeida? — quis saber a Elisa assim que o médico se afastou o bastante. — Ele é um bom homem, Sofia.

— E muito curioso também — aponteí.

— E isso é errado?

— Depende, Elisa. Depende muito do que ele vai querer saber.

Ela lançou-me um olhar reprovador, mas deixou o assunto morrer quando voltámos a andar. Seguimos diretamente para a botica de fachada amarela e portas imensas. Ali dentro havia prateleiras altas e escuras forradas de potinhos, frascos de tamanhos e cores variados. O aroma pungente de produtos químicos provocou-me uma agradável comichão no nariz.

O homem, demasiado ágil para a idade avançada, atendeu a Teodora com um ar meio deprimido. Os seus olhos cansados e escuros estavam tristes. Depois de buscar os sais de que a mãe da rapariga fazia uso e de os embrulhar num papel pardo grosseiro sobre o balcão de madeira, ele fitou-me.

— Peço que me perdoe, menina Sofia. Eu e a minha família não poderemos estar presentes no seu casamento. Acabámos de receber a triste notícia de que a sobrinha da minha esposa faleceu. Partiremos para a cidade ainda esta tarde.

— Sinto muito — disse eu, encolhendo-me.

— Que terrível notícia, senhor Plínio — lamentou a Elisa. — O que se passou?

Ele abanou a cabeça, mortificado.

— Não sabemos ao certo, menina Elisa. A Rosália era jovem e tinha boa saúde. Pela carta do meu cunhado, parece que se tratou de um trágico acidente. A pobrezinha tinha acabado de se casar...

— Oh! Entregue as nossas sinceras condolências à sua esposa e à família da sua sobrinha — acrescentou a Elisa, abatida.

Também fiquei deprimida ao ouvir a história. O fim de uma vida mexia sempre comigo, ainda mais quando era a de alguém tão jovem como a tal Rosália parecia ser. Comecei a remexer nos vidros e frascos amontoados nas prateleiras para me recompor e tentei afastar as lembranças dos meus pais, que também partiram por uma fatalidade do destino. Eles não estariam presentes no meu casamento. A Nina também não. Exceto pelos Clarkes, eu não tinha amigos ali.

Comecei a ler alguns rótulos para me livrar dos pensamentos obscuros e, depois de algum tempo, dei-me conta de que eram muito estranhos. Para que servia o óleo de limão-doce?

— Não anda a sentir-se bem, menina Sofia? — O senhor Plínio aproximou-se, parando ao meu lado.

— Eu estava só a olhar. Não conheço muito bem estes... estas... fórmulas...

Ele assentiu com a cabeça, compreendendo.

— Este óleo é indicado para diversas finalidades. Pode ser usado para combater dores nas articulações, enxaquecas, para hidratar, e, acredite, alguns produtos de beleza contêm óleo de limão-doce e lavanda para durar mais tempo.

Aquilo captou imediatamente a minha atenção.

— Como um conservante?

— Em alguns casos — confirmou ele.

O meu cérebro começou a trabalhar. O condicionador caseiro que aprendi a fazer com a Nina era uma grande ajuda, já que não havia alisadores, secadores ou cremes para pentear no século XIX, mas era uma seca ter de ficar a amassar aquela papa sempre que eu queria tomar banho. Seria genial se eu pudesse prepará-lo em grandes quantidades e armazená-las por algum tempo.

— E o senhor também tem óleo de lavanda?

— Claro que sim. Deixe-me ver... — Ele passou os olhos e os dedos longos e enrugados pelas prateleiras e, da última, tirou um frasquinho azulado.

O senhor Plínio abriu o frasco, e o cheiro concentrado de lavanda fez os meus olhos lacrimejarem. Seria melhor usar em pequenas quantidades.

Mais animada, sorri-lhe.

— Eu vou... — Mas interrompi-me. Como pagaria pelo óleo?

— ... comprá-los, é claro — interveio a Elisa, que ouvia a conversa. Ela retirou uma moeda da bolsinha de mão e entregou-a ao boticário. — Esqueceu-se da sua mala?

— Mais ou menos. — Eu nunca carregava uma das oito malas de croché que o Ian me comprara simplesmente porque não tinha o que pôr lá dentro. Ah, sim, ele dava-me uma pilha de moedas todos os dias. E, assim que ele virava as costas, eu deixava-as no primeiro lugar que encontrava.

O boticário embrulhou as garrafinhas em papel escuro e rematou o embrulho com um cordel, entregando-mo logo de seguida.

Voltámos para a carruagem e guardei os frascos na cabina. O Isaac ainda tinha alguns problemas lá em cima. Evitei o máximo que pude olhar para as caixas, sentindo-me muito culpada ao ver o rosto todo suado do rapaz parcialmente oculto pela muralha de embrulhos. Eu precisava de ter uma conversa muito séria com o Ian.

Um cavaleiro fez a curva no fim da rua. O meu coração parou de bater antes de começar a retumbar no peito, zunindo nos meus ouvidos. Um suspiro escapou-se dos meus lábios sem que eu percebesse.

Lá estava ele.

Ian Clarke. O homem mais fantástico que já conheci. Um legítimo cavalheiro de há dois séculos — o meu século atual nas duas semanas e meia anteriores —, educado e prestativo, e seria meu marido em menos de 48 horas.

O Ian era um aristocrata, ainda que sem título de nobreza. E, apesar das muitas pretendentes ricas, lindas e que sabiam como se comportar naquela sociedade arcaica, ele escolhera-me a mim, Sofia Alonzo, que nascera na louca década de 1980 e conhecera todas as tecnologias e maus modos do século XXI.

Presentindo que eu estava por perto, os seus olhos vasculharam os arredores e encontraram-me. Um sorriso esplêndido curvou-lhe a boca. Aproveitei para admirar o seu porte atlético enquanto ele se aproximava; o cabelo negro como a noite sacudido pelo trote do cavalo castanho-claro; o rosto anguloso e de proporções perfeitas; os olhos escuros e profundos, com um brilho prateado, nos quais eu sempre

me perdia; os lábios que, eu tinha a certeza, tinham sido moldados para beijar os meus.

Como sempre acontecia, senti-me atraída até ele, como se orbitasse ao seu redor, e não percebi que os meus pés se moviam até ver o terror reluzir nos seus olhos, ainda a uma certa distância.

Franzi a testa e detive-me. O Ian não deveria olhar-me daquela forma pelo menos até, sei lá, comemorarmos 20 anos de casados e eu me tornar completamente desinteressante. Qual era o problema?

— Sofia! — gritou ele, acelerando o trote. E achei despropositado o seu tom aterrorizado.

Pelo menos até seguir a direção do seu olhar — fixo num ponto pouco além de mim — e perceber que estava no meio da rua e que, a alguns metros, uma carruagem puxada por dois cavalos imensos seguia rápida e descontroladamente.

E vinha na minha direção.

Tudo aconteceu tão rápido que o meu cérebro não conseguiu registrar a cena. A carruagem estava a poucos centímetros, e mal teria tempo de fechar os olhos. Parte de mim ficou revoltada com o atropelamento iminente. Quer dizer, era tão injusto ser atropelada por uma carruagem estúpida que mal alcançava 30 quilómetros por hora depois de ter passado a vida toda a ultrapassar carros, autocarros e motos que nunca respeitavam as passeadeiras no trânsito caótico da minha metrópole. A outra parte de mim preparava-se para ser esmagada por patas e rodas de madeira.

Antes de fechar os olhos, vi o condutor assustar-se e, por puro reflexo, puxar as rédeas abruptamente, tentando deter os animais. Os cavalos não souberam o que fazer, como que travaram e empinaram, mas a física não permitiu que a carruagem se imobilizasse, e ela arrastou-se pelas pedras irregulares. Não havia como eu ser rápida o bastante para sair da frente, nem como a carruagem desviar-se da sua rota.

Esperei que a tal retrospectiva da minha vida passasse diante dos meus olhos, como acontecia nos filmes, mas só pude pensar no Ian, no seu sorriso, na forma apaixonada como ele me olhava, na sorte de tê-lo encontrado, de ter tido a oportunidade de amá-lo, de ser amada por ele. A minha vida tinha valido a pena...

Quando eu já me preparava para a colisão, tão próxima que pude sentir o resfolegar quente dos cavalos no meu rosto, um terceiro animal chegou por atrás e, por um instante, achei que seria atropelada por ele antes que a carruagem pudesse atingir-me.

— Sofia! — gritou o Ian.

Não sei ao certo como ele conseguiu alcançar-me tão depressa, mas o facto é que ele estava ali. Num momento em que o mundo pareceu girar em câmara lenta, ele soltou as rédeas do *Meia-Noite* e, sem poder acreditar, vi-o ganhar impulso e lançar-se sobre mim. O Ian voou por alguns segundos antes de o seu corpo colidir em cheio contra o meu. O choque fez-nos cambalear para trás e caímos nos ásperos paralelepípedos. O Ian aterrou sobre mim e ouvi um *crec* que não pude identificar se ressoara no corpo dele ou no meu. Senti uma pontada aguda alfinetar o meu braço — o que me fez suspeitar de que o *crec* fora em mim. As patas pesadas dos animais e a roda da carruagem passaram a centímetros do meu rosto, fazendo-me o sangue gelar. O mundo voltou à sua velocidade normal.

— Sente-se bem? — O Ian examinou-me com dedos ágeis.

Eu quis perguntar se ele se tinha magoado, se aquele som de coisa partida viera dele, mas mal conseguia ver-lhe o rosto. Ele ficava constantemente desfocado.

— Sofia, olhe para mim. Sente alguma dor? — As mãos ansiosas tocavam no meu rosto, depois na minha cabeça, a investigar. Nesse processo, ele movimentou-se um pouco e, como ainda estava sobre mim, algo no meu corpo reagiu de imediato.

Não, isso não!

Uma dor intensa, quase insuportável, fez-me ver estrelas e urrar de uma forma pouco lisonjeira. O peso sobre mim desaparecera abruptamente.

— Onde dói? Mostre-me! — exigiu ele, apalpando de leve os meus ombros e toda a extensão do meu braço esquerdo, até que alcançou o meu pulso. Gritei de novo, e o Ian soltou um palavrão que soou mais como uma súplica do que qualquer outra coisa. — Oh, meu Deus, está a sangrar! — murmurou ele, horrorizado, olhando para a minha pele suja de sangue.

Com todo o cuidado, o Ian segurou-me o pulso para examinar a dimensão do problema, mas foi o suficiente para me fazer gemer e ele recuar no mesmo instante.

— Oh! Acho que ela vai desmaiar! — Uma voz feminina desconhecida soou histérica.

Até àquele momento, eu não tinha percebido que havia um pequeno grupo amontoado ao nosso redor. Uma mulher com um ar cavalariço abanava-se com um leque, parecendo prestes a desmaiar.

— Não vou, não — objetei, contrariada.

Era só o que me faltava. Desmaiar como uma donzela de filme antigo. Eu até podia estar em 1830, mas não começaria a agir como uma miúda afetada. Nem pensar!

— Pois a menina *devia* desmaiar — replicou friamente a *Cara de Cavalo*. — É o que faz uma dama numa situação como esta.

Que maravilha. Eu nem sequer sabia magoar-me de forma apropriada no século XIX.

— Eu sabia que isto ia acontecer. É verdade o que dizem, Ofélia. — A mulher ao lado fez o sinal da cruz.

— Que Deus a proteja. — E a *Cara de Cavalo* benzeu-se também. Certo. De que diabos aquelas duas malucas estavam a falar?

— Ian! — chamou alguém com aflição. A Elisa. — Oh, meu Deus, Sofia! — A rapariga olhou para mim, ainda estendida no chão, e cobriu a boca com a mão enluvada, admirada com a quantidade de líquido que jorrava da ferida.

A Teodora estava ao lado dela, e a cor do seu rosto, naturalmente pálido, desapareceu de vez, evidenciando ainda mais as sardas. O Isaac foi o último a chegar.

— Isaac, vá à casa do Dr. Almeida! Diga-lhe que a menina Sofia precisa dos seus serviços. Vou levá-la ao consultório — instruiu o Ian, atormentado. Ele tentava tocar-me, mas hesitava, como se estivesse com medo de me ferir.

— O médico passou por aqui ainda agora — disse eu ao Ian enquanto ele retirava um lenço do bolso do casaco e, com o mais gentil dos toques, o amarrava no meu antebraço ferido. — Ai! Acho que ele foi na direção da igreja.

O Ian assentiu e ajudou-me a sentar-me. Ele estava tão pálido quanto a Teodora.

— Não ouviu, Isaac? Vá logo, pelo amor de Deus! — ordenou, mas a sua voz tremeu.

— Si-sim, patrão. Irei imediatamente. — E saiu a correr.

O meu noivo, percebendo que eu pretendia ficar de pé, antecipou-se; passou os braços por baixo do meu corpo e içou-me do chão. A pequena aglomeração ao nosso redor exclamou um «oh» coletivo. Rezei para que fosse por causa de todo aquele sangue que já empapava o lenço branco, e não por o meu rabo estar à mostra, mesmo com todo o tecido da saia longa a cobrir as minhas pernas.

A Elisa e a Teodora apressaram-se a acompanhar as largas passadas do Ian.

— Não se preocupe com nada, tudo ficará bem — garantiu ele de uma forma aflita. Tive a impressão de que não era a mim que ele tentava convencer.

— Não estou preocupada, mas, Ian, eu magoei o braço, não as pernas. Eu posso andar!

Ele abanou imediatamente a cabeça.

— É claro que posso! — insisti. — Põe-me no chão. Vou-te sujar todo. — O fluxo de sangue já tinha ensopado o lenço e agora escorria para a minha roupa. O vestido azul-claro já não tinha recuperação.

— Pouco me importa, Sofia. As minhas roupas são a última coisa que me preocupa agora. — Ele olhou-me nos olhos e segurou-me mais próximo do seu corpo. Havia tanta angústia no seu semblante que me teria rido se não fosse a dor latejante no meu antebraço. — Lamento muito por tê-la ferido.

Ofeguei.

— Aonde foste buscar esse absurdo? Não me magoaste! Pelo contrário, salvaste-me de ser atropelada.

Ele negou com a cabeça, perturbado.

— Pensei que a perderia bem diante dos meus olhos. Agi sem pensar. — Ele gemeu e deixou a cabeça pender, desferindo um beijo delicado na minha testa. Tudo isso sem perder uma passada sequer. Passei o braço bom em torno do seu pescoço. — Porque foi para o meio da rua daquela forma?

Corei e desviei os olhos para os botões da sua camisa.

— Eu não estava a prestar muita atenção. Esta coisa do casamento anda a deixar-me meio... desligada — murmurei, pois era menos embaraçoso do que dizer a verdade.

— Nunca mais faça isso, Sofia. A menina poderia... poderia... — Ele engoliu em seco e não continuou.

— Desculpa. — Deixei a minha cabeça pender sobre o seu ombro. — Foi sem querer, juro!

— Apenas me prometa que terá mais cuidado. Não suporto sequer a ideia de...

— Prometo que vou prestar mais atenção — interrompi-o ao notar a sua dificuldade em completar aquela frase. — Agora põe-me no chão. Estou bem. A sério, Ian.

A sua resposta foi ajeitar-me melhor nos braços. Os seus passos tornaram-se mais rápidos e decididos.

— Já estamos a chegar — avisou. — Fique tranquila, tudo correrá bem. Estarei ao seu lado o tempo todo. Garantirei que o Dr. Almeida a trate de modo a infligir-lhe o mínimo de dor possível.

Abri a boca para dizer que ele estava a exagerar, assim como fizera com o enxoval, mas, naquele mesmo instante, o que ele disse infiltrou-se no meu cérebro. Os meus olhos arregalaram-se, a minha boca ficou seca como o deserto e o meu coração bateu com tanta força que achei que podia muito bem seguir o conselho da *Cara de Cavalo* e desmaiar.

A expressão apavorada e agoniada do Ian traduzia o seu *mínimo de dor possível* para *dor atroz e inimaginável*.

Que maravilha.

2

Quando chegámos à casa do médico — que não era tão grande quanto a do Ian, mas parecia bastante confortável, pelo menos a sala, com móveis de cerejeira e tecidos em tons de verde —, eu já estava totalmente em pânico.

A dona Letícia, a senhora Almeida, foi simpática, recebeu-nos bem e conduziu-nos até ao consultório do marido, onde o Ian me acomodou num longo sofá. O problema foi a parafernália metálica espalhada pela sala, que me fez estremecer e sentir dentro de uma câmara de tortura medieval.

— Hmm... Sabes, acho que já não estou a sangrar. Podemos ir para casa — sugeri ao Ian assim que ficámos sozinhos. Tentei levantar-me, com os olhos presos num serrote pendurado pelo cabo na parede amarela, mas o meu noivo não permitiu.

— Não antes de o médico cuidar de si. — Ele empurrou-me de volta com muito cuidado. O Ian não compartilhava do meu temor. Ele parecia imerso nos seus próprios horrores.

— Mas, Ian...

A porta abriu-se de rompante e o médico magricela entrou. Procurou o problema com olhos rápidos, encontrou o meu olhar de pânico e viu o Ian a tentar manter-me no sofá.

— O que se passou? — quis ele saber, pendurando o chapéu num suporte perto da porta.

Antes que eu pudesse explicar, o Ian pôs-se a falar sobre o quase atropelamento e o seu ato heroico.

Não que ele visse as coisas do mesmo modo que eu. Não gostei nada da forma como ele narrou o acontecimento, como se fosse culpado por eu me ter ferido, e não o responsável por eu ainda ter a cabeça presa ao corpo.

— Não foi bem assim, Ian. Eu bati nalguma coisa quando caí. Não tiveste *nada* a ver com isso. — Aponte para a ferida.

O Ian soltou um longo e angustiado suspiro.

— Isso é irrelevante agora, Sofia. — Então dirigiu-se ao médico: — Por favor, doutor, não pode apressar-se? Há tanto sangue e...

O Dr. Almeida interrompeu-o, pousando gentilmente a mão no seu ombro.

— Não se preocupe, meu caro amigo. Cuidarei da sua noiva da melhor maneira possível.

O meu noivo anuiu com a cabeça.

O médico aproximou-se do sofá, mas hesitou, franzindo o sobrolho.

— Posso? — Indicou o meu braço.

Assenti.

— Temo ter partido o braço dela — confessou o Ian, engolindo em seco.

— Tu não partiste o meu braço! — contrapuz, irritada. — Bolas, Ian, porque achas que a culpa é tua? Eu é que devia ter olhado antes de ir para o meio da rua. Se quiseres culpar alguém, então culpa-me a mim.

Ficou claro que ele não concordava comigo, e a minha tentativa de fazê-lo perceber o meu ponto de vista só serviu para deixá-lo ainda mais nervoso. Ele abriu espaço para o médico, mas ficou atrás de mim, acariciando-me o pescoço com a ponta fria dos dedos.

— Não se torture com suposições, senhor Clarke. Com licença, menina — disse o Dr. Almeida enquanto desatava o nó do lenço. Ele começou a examinar o ferimento, e os longos dedos experientes apalparam rapidamente toda a extensão do meu antebraço. Doeu. — Não está partido, senhor Clarke.

— Graças a Deus! — suspirou o Ian, curvando-se e deixando a cabeça pender sobre a minha. Ele plantou um beijo demorado no meu cabelo entrançado. — Eu não suportaria se ela tivesse uma fratura.

O médico assentiu, antes de pegar numa lupa e a aproximar da ferida. O Ian endireitou-se para não fazer sombra. O Dr. Almeida franziu o sobrolho e a sua boca tornou-se uma pálida linha fina.

— O corte é muito profundo. Terei de suturá-lo.

— Não — exclamou o Ian, horrorizado. — Não... Não há outra forma? Um curativo, talvez? Eu obrigá-la-ei a guardar repouso, prometo!

— Sinto muito, senhor Clarke, mas um curativo só agravaria o ferimento. A humidade causada pelo sangue pode tornar-se uma fonte de infeção violenta, e não queremos isso.

Olhei para cima e tentei acalmar o Ian, esticando o braço bom para pegar na sua mão e apertá-la levemente.

— Fica tranquilo. Já levei pontos antes. Não dói tanto assim.

O Ian agachou-se ao meu lado e levou a minha mão aos lábios; depois pressionou a minha palma na sua bochecha e segurou-a ali.

— Não aqui, meu amor.

Não foi preciso que ele explicasse melhor. Observei o Dr. Almeida abrir a sua maleta preta e retirar um pequeno estojo prateado lá de dentro. Ele fez surgir uma linha negra e espessa e algo que se parecia muito com um anzol. Mais nada.

Levantei os olhos para o Ian.

— Não há anestesia? — Engoli em seco.

O Ian fitou o médico, atormentado. Parecia lutar contra algo. Por fim, uma resolução desconcertante dominou-o.

— Dê-lhe — ordenou ao amigo, endireitando-se.

O médico suspirou enquanto lavava as mãos.

— Senhor Clarke, não posso permitir que uma dama...

— Não pode fazê-la sofrer quando há uma maneira de o evitar! Dê-lhe, ou eu mesmo o farei.

O médico soltou um gemido, secou as mãos num pano branco e ajeitou o material de sutura sobre a bandeja na mesa redonda e alta ao lado do sofá. Foi até ao armário e procurou algo entre as centenas de garrafas ambarinas, parecidas com as que eu vira mais cedo na botica.

— Dar-me o quê? — perguntei ao Ian.

— Algo que tornará o procedimento suportável. — O facto de ele não dizer o nome do anestésico e evitar contacto visual não me pareceu bom sinal.

O Dr. Almeida abriu outro armário e retirou dali uma garrafa escura, que logo abriu. Seja lá o que fosse aquilo, não era líquido. Ele retirou uma substância circular e então entregou-a ao Ian.

— Sabe que uso apenas com os cavalheiros. As damas... não tole-ram bem — sublinhou o médico.

O meu noivo segurou o rebuçado castanho (pelo menos era o que parecia) e admirou-o por um momento, aflito, indeciso. Então, ergueu a cabeça e fitou-me demoradamente. A sua atenção voltou-se para a linha e o anzol, e de seguida regressou para o meu rosto. Por fim, ele grunhiu e estendeu a mão, oferecendo-me a substância.

— Não engula, apenas mastigue — explicou o Ian quando aceitei.

— Certo. — Analisei a substância. — Isto é o quê?

— Apenas mastigue, meu amor. Antes que eu me arrependa do que estou a fazer.

Com medo de ser cosida *a seco*, levei aquilo à boca e o amargor preencheu-a. A minha língua não tardou a ficar adormecida.

— Sabe mal! — queixei-me.

— Eu sei — respondeu o Ian, tristonho, e afastou uma mecha de cabelo que se desprendera da trança e caíra sobre os meus olhos.

— Credo! Sabe muito mal!

— Não, não cuspa! — alertou ele quando fiz menção de tirar aquilo da boca. — Vai sentir-se melhor, confie em mim.

Assenti e, por mais que todo o meu corpo rejeitasse a ideia, continuei a mascar. Ao dissolver-se, a pastilha revelou-se um amontoado fibroso e desidratado que fazia cócegas na minha língua dormente.

É melhor não voltar a magoar-me, pensei. Não queria sequer imaginar o que fariam com um osso partido e... Ah! Então fora isso o que assustara tanto o Ian e... *Uau, que bonito, aquele frasquinho azul*. Ele ondulava sob a luz do sol como se...

Semicerrei os olhos. Estava aquele frasquinho a... dançar?

Uma sensação estranha impediu-me de continuar o raciocínio. O meu coração acelerou sem motivo aparente e a minha respiração tomou o mesmo curso. As cores ao meu redor tornaram-se mais vivas e brilhantes e eu sentia-me... feliz. Tão, tão feliz! Não sei bem porquê, mas de repente sentia-me radiante, contente ao ponto de sair a voar. Olhei para o Ian — os seus olhos estavam fixos no meu rosto, mas a sua testa estava franzida. E ele parecia brilhar.

— Olha, porque estás a brilhar? — quis eu saber.

— Acho que podemos começar — anunciou o médico.

— Espere. — O Ian agachou-se para que os seus olhos ficassem à mesma altura dos meus. Avaliou-me com atenção, e eu queria perguntar mais uma vez sobre aquele brilho, quando de repente ele se dividiu em dois.

— Uau!

— Sofia, como se sente neste momento? — perguntou o Ian.

— Feliz! Agora és dois! — Estiquei o braço e puxei um deles pela gola da camisa até colar a sua boca à minha. Mal podia esperar para beijar o outro também. — Dois Ians... Humm...

Ele afastou-me com delicadeza e tentou sorrir.

— Ela está pronta — disse ao médico, com tanta tristeza que me fez rir. Inclinei a cabeça para o lado, admirando aqueles rostos à minha frente. Ora bolas! Os Ians eram tão... tão...

— Vocês os dois são tão lindos quando ficam preocupados comigo. — Ri-me de novo.

Um meio sorriso relutante brotou nos seus lábios. Nos dos dois.

— Não devia prestar atenção a essas coisas agora — disseram juntos, com os olhos fixos em mim.

— Então, e a culpa é minha? Vocês os dois é que são lindos e me deixam confusa... — Um brilho novo fez-me desviar o olhar para o armário aberto. — Olha, acho que aquele frasco azul está a tentar seduzir-me. Ele põe-se a rebolar para mim.

O Ian deixou escapar uma gargalhada.

— Se eu fosse ele, também tentaria a sorte.

— Pode ser que ele só esteja feliz. Como eu. Não sei porquê, mas estou tão feliz! Também estás assim? E o outro Ian?

— Eu... Nós ficaremos, assim que ficar bem.

Com isso, ele e o outro Ian acomodaram-se no braço do sofá, abrindo caminho para o médico, e ficaram tão juntos que a minha visão ficou um pouco desfocada. Os Ians não soltaram a minha mão. Bem, penso que não, do meu pescoço para baixo estava tudo meio anestesiado, mas eles seguravam uma mão muito parecida com a minha.

O Dr. Almeida arrastou uma cadeira para perto; entretanto, eu não conseguia prestar atenção ao que ele estava a fazer. Não com os Ians ao meu lado. Um deles entrava e saía de foco, e eu tentava manter a atenção nele para que não desaparecesse. Distraída, perguntei-me a razão de haver dois deles naquela sala, mas então o Dr. Almeida ateou fogo no meu braço.

— Raios o partam... — Uma enxurrada de palavrões passou pelos meus lábios enquanto eu sacudia desesperadamente o braço, tentando livrar-me das chamas, muito embora o fogo parecesse molhado. E tivesse um cheiro a uísque. E o raio do frasco azul continuava a dançar na prateleira.

— Não, não mexa o braço — avisou um enrubescido Dr. Almeida. — Não quero ter de amarrá-la.

— Eu sabia que não devia gostar do si. Eu sabia! — Virei-me para os Ians. Um deles estava corado; o outro, não pude ter a certeza, pois não parava quieto. Fiquei confusa com aquele rubor, já que era a mim que o médico pretendia amarrar e depois queimar até à morte.

Oh, meu Deus, era como a caça às bruxas no século... no século... qual era mesmo?

E em que século estava eu agora?

— Aperte a minha mão, Sofia — sussurrou o Ian, torturado.
— Deixe-me sentir a sua aflição, mas tente manter-se imóvel. Não suportarei se tiver de ser imobilizada.

— Ouça o seu noivo, menina. Preciso de fechar o ferimento antes que se contamine. A menina já perdeu demasiado sangue. Pode acabar por ter uma anemia.

— O que o senhor quer é torturar-me, para saber mais sobre mim, mas não vale a pena.

O Ian soltou um longo suspiro.

— Não culpe o Dr. Almeida, meu amor. É o procedimento normal. Foi assim comigo também.

— Ele também te incendiou?! — perguntei, assustada. O Ian exibiu um sorriso relutante.

— Sim. Mas eu tinha apenas oito anos, e o meu pai não permitiu que eu mastigasse ópio.

Soltei uma gargalhada ao ouvir aquilo. Não sei bem porquê, tudo parecia engraçado.

— «Ópio» é um nome engraçado. — Ri-me. — Óóóóópio! Eu gosto de óóóópio.

— Imagino — resmungou o Ian, escrutinando o meu rosto.

— Mas e então? Como foi que te magoaste...? Humm... Podes fazer aquele Ian parar de se mexer? Ele está a deixar-me zozza. — E passava-se algo muito estranho no meu estômago.

— Ele não vai tardar a desaparecer — garantiu-me um dos Ians.

— Aaaaah! — resmunguei. — Mas eu gosto dele. Gosto dos dois. Dois Ians. Os dois meus.

Os Ians franziram a testa e fitaram o médico.

— Talvez meia pastilha fosse suficiente — disse ao cirurgião o Ian que não saía de foco.

— É o que parece — concordou o médico.

— Porque estás tão... Ai! — Algo beliscou a minha pele. Tentei virar o rosto para ver o que o Dr. Almeida estava a fazer com o meu braço, mas o Ian impediu-me, pondo a mão no meu rosto e mantendo-o voltado para ele.

— Ainda quer saber como me magoei? — Senti os meus olhos arregalarem-se de pavor.

— Ai, meu Deus! Também estás ferido?!

— Não hoje, Sofia — garantiu-me ele, paciente. — Quando eu era criança. Estava a cavalgar e fui lançado sobre uma cerca.

— Foi um corte e tanto — comentou o doutor, sem desviar a atenção do que estava a fazer. — O Ian estava pálido como cera quando cheguei à propriedade dos Clarkes. Mas não era pela perda de sangue, era por medo de mim.

— Não sabia que também não gostavas do Dr. Almeida — comentei.

O médico gemeu. O Ian sorriu levemente.

— Ah, eu não gostava. Não até eu parar de me magoar.

Franzi a testa, refletindo sobre o que ele acabara de dizer.

— Talvez, se eu parar de me magoar, também goste dele — deduzi. — E se ele parar de fazer perguntas. E de me dar coisas desagradáveis para engolir. E de atear fogo em mim.

A luz ao redor dos Ians começou a desvanecer-se. Que pena. Eles pareciam anjos envoltos naquele brilho. Anjos muito, muito sensuais.

— Estou quase a acabar — anunciou o Dr. Almeida.

O Ian assentiu. O outro Ian começou a perder a cor, ficando translúcido. O meu corpo tornou-se pesado e uma sonolência incontrolável dominou-me os membros.

— Lamento muito que se tenha ferido. — Ele deslizou o polegar pela minha bochecha.

— Devo ter-me cortado nalguma pedra do pavimento. Sabes, nunca pensei que as pedras pudessem ser tão perigosas.

A sua expressão suavizou-se um pouco — não muito, mas o suficiente para que o vinco entre as suas sobrancelhas quase desaparecesse. Podia apostar que ele estava a recordar o nosso primeiro encontro meses atrás, quando eu tropeçara numa pedra em 2010 e caíra literalmente em 1830. Eu estava de certeza.

— No seu caso — disse o Ian com aquele tom rouco que eu adorava —, creio que sejam letais. Vou certificar-me de tirá-las do seu caminho.

— Acho mais fácil eu parar de cair. — Não fosse pelo frasco azul dançarino, eu ficaria muito impressionada com a minha sensatez. — Mas não me vou opor se quiseres dar uma olhadela no caminho para o altar. Acho bem possível eu estatelar-me à frente dos teus convidados. Oh, não! O outro Ian foi-se embora...

Ele inclinou a cabeça para o lado e riu-se, mas era um riso tenso, preocupado.

— Não precisas de ficar com ciúmes — apressei-me a dizer. — E, olha, o frasquinho já está cansado de dançar!

— Pronto — anunciou o médico.

— Graças a Deus! — O Ian soltou um longo suspiro, levando a minha mão boa ao seu peito e deixando a cabeça recair sobre o meu ombro. O seu coração batia rapidamente sob a minha palma.

Olhei para o antebraço em que o médico trabalhara e vi uma linha irregular de nós pretos e de aparência estranha. Gemi.

— Raios. Depois de amanhã, serei a noiva Frankenstein.

— Quem? — perguntou o médico.

— O Frankenstein! Sabe... Frankensteeeeeeein, grrrr... — Estiquei os braços com as mãos em forma de garras, fazendo uma careta. Nem o Ian nem o médico reconheceram a minha imitação, mas achei que tinha sido muito boa, sobretudo devido ao toque realista da linha preta cosida na minha pele branca.

O Dr. Almeida levantou-se, foi até ao armário e pegou um pote pequeno. Então abriu-o, e o cheiro pungente de algo azedo fez o meu nariz arder.

— Unguento — avisou ele, espalhando a pasta amarela sobre a minha pele cosida. De seguida, enfaixou o meu braço com retalhos brancos que fizeram as vezes de atadura.

— Não sei como lhe agradecer, doutor. — O Ian ficou de pé para apertar a mão do médico.

— É sempre um prazer cuidar da sua família, senhor Clarke. Irei à sua residência amanhã, para fazer um novo curativo e garantir que o ferimento não infeta.

Também me levantei porque parecia a coisa certa a fazer, mas o meu corpo não concordou com isso.

— Ai! — Cambaleei e caí sentada no sofá.

O Ian baixou-se e passou um braço sob as minhas pernas. Dessa vez não me queixei. Estava muito... humm... não sei bem o que me dera na cabeça... para andar com aquele vestido comprido. Com medo de tropeçar e ter de ser cosida outra vez, passei o braço pelo pescoço dele e sorri.

— Sabes uma coisa? — disse eu ao Ian. — Quase ser atropelada tem as suas vantagens.

— Eu preferia que não tentasse outra vez.

— Vou ver o que posso fazer quanto a isso. Curativo porreiro, Dr. Almeida.

O tipo coçou a cabeça.

— Errrrr...

— Ela agradeceu, doutor — explicou o Ian, com um suspiro.

— Ah, sim. — O médico adiantou-se para abrir a porta. — Disponha, menina, embora eu prefira não ter de tratá-la tão cedo.

— Ah, pois eu também! Viste, Ian? Estamos finalmente a entender-nos — exclamei e, mesmo a contragosto, o Ian e o médico riram-se.

A Teodora e a Elisa estavam na sala, na companhia da senhora Almeida, do sobrinho do casal, o Júlio, e do Lucas, que parecia incapaz de tirar os olhos da Elisa. Os dois rapazes saudaram-nos com uma educada mesura. O Júlio era parecido com o tio, alto e magro, só que com mais cabelo. O Lucas era um pouco mais baixo, tinha um belo rosto quadrado e o cabelo cor de areia fazia um contraste interessante com os olhos verdes.

Todos se espantaram ao ver-se no colo do Ian. A Elisa foi quem falou primeiro:

— Sofia...

— Tenha calma, Elisa — pediu o meu noivo. — Está tudo bem. O Dr. Almeida já cuidou dela. Foi preciso suturar o ferimento, mas...

A rapariga arfou e cobriu a boca com as mãos.

— Oh, não!

— Não houve fratura, o que é um alívio. — O Ian acomodou-me melhor nos seus braços. E, dirigindo-se aos dois rapazes, disse: — Sei que estou a abusar da cortesia, mas gostaria de acompanhar a minha noiva na carruagem. Será que um de vocês poderia...

O Lucas deu um passo à frente.

— Não precisa de explicar, senhor Clarke. Compreendo perfeitamente. Levarei com prazer a sua montaria até à propriedade.

— Não é preciso incomodar-se tanto, senhor Guimarães. Apenas ponha o cavalo numa das baias do Dr. Almeida e amanhã voltarei para buscá-lo.

— Como preferir. — E o rapaz pareceu frustrado.

O Ian despediu-se da mulher e do médico, e, sem perder tempo, deixámos a casa. A multidão esperava-nos do lado de fora, aguardando notícias. Assim que me viram, um «oh!» coletivo e dececionado fez-se ouvir. A Elisa e a Teodora empenharam-se em explicar

o que havia acontecido a alguns conhecidos, enquanto o Isaac abria a porta da carruagem e o Ian me acomodava lá dentro. As raparigas entraram logo de seguida, sentando-se no banco da frente. O Ian ficou ao meu lado, abraçado à minha cintura, e a minha cabeça descansava no seu ombro. O polegar dele fazia pequenos círculos no meu pescoço.

— O que aconteceu? — perguntou a Elisa. — Foi tudo tão rápido! Quando me virei, a Sofia já estava no meio da rua.

— Distraí-me.

A carruagem entrou em movimento, e algo dentro de mim parecia fora do lugar. Como o meu cérebro e o meu estômago.

— Querida Sofia, o que pode tê-la distraído tanto ao ponto de se colocar à frente de uma carruagem? Sei que vem de outro lugar e que não está habituada às coisas por aqui, mas as ruas da vila são muito movimentadas! — censurou a rapariga.

Ter-me-ia rido se o meu corpo não tivesse necessidades mais urgentes. Tapei a boca com a mão, tentando deter o fluxo que subia pela minha garganta. O Ian rapidamente previu o que viria a seguir, pois deu um murro no teto da carruagem, fazendo-a parar instantes depois. Ele abriu a porta apressadamente, eu voei para fora, meio curvada, e enterrei a cara numa moita, libertando de forma ruidosa tudo o que comera.

Uma grande mão enlaçou a minha cintura enquanto outra mantinha a minha trança no lugar. Quando o meu estômago se aquietou, não consegui olhar para ele.

— Ela está bem, senhor Clarke? — ouvi o cocheiro perguntar.

— Vai ficar, Isaac. — Foi-me oferecido um lenço branco.

— Estarei por perto caso precise de ajuda — avisou o rapaz. Fechei os olhos depois de limpar o rosto, inspirando fundo.

— Quero morrer! — gemi.

— Sinto muito. Amanhã vai sentir-se ainda pior, mas pedirei à senhora Madalena que lhe prepare uma gemada com vinho. — Ele ajudou-me a endireitar-me, e deixei o meu corpo cair de encontro ao dele. — Isso vai apaziguar o seu estômago. Sempre funcionou comigo.

Estremeci ao pensar em ovos crus.

Definitivamente, queria morrer.

O meu noivo plantou um beijo no topo da minha cabeça.

— Agora vou cuidar de si. Vamos para casa.

Com a sua ajuda, voltei para a carruagem, e, como fizera antes, o Ian passou um braço ao redor do meu corpo. Fiquei imóvel por momentos, atenta ao meu estômago conforme entrávamos em movimento. Relaxei ao perceber que não restara nada para ser expulso.

— Está tão abatida, pobrezinha — comentou a Teodora. — Posso imaginar a quantidade de láudano que o Dr. Almeida lhe deu para que passasse tão mal!

— Não foi láudano. Foi... ópio — sussurrou o Ian.

— Ópio? — Ela franziu o cenho, transtornada. — Ópio puro?

A palavra já não era tão divertida assim.

— Mandaram-me mastigar... — Encolhi os ombros. — Então fiquei bastante alegre. Agora não estou assim tão alegre. Tenho muito sono. — Recostei-me no Ian, mas algo nas suas calças espetou a minha perna, mesmo com todo aquele tecido. Ele moveu-se rapidamente, pondo a mão no bolso e tirando dali cacos de vidro e pecinhas de metal presas a uma corrente. O *crec* que eu ouvira mais cedo. Quase suspirei de alívio.

Mas a Elisa arfou.

— Oh, Ian! O relógio do papá! Lamento tanto!

O Ian analisou o objeto com a testa franzida.

— Deve ter-se partido quando saltei do cavalo. — Não pude deixar de perceber o tom de tristeza que se infiltrara na sua voz. O meu coração também se partiu em milhares de pedaços.

— Sinto muito — murmurei, tocando no braço dele. — Desculpa.

Ele beijou a minha testa e abraçou-me com força; a mão que ainda segurava o relógio rodeou a minha cintura, mas fechou-se ao redor dos destroços, pressionando-me as costelas.

— Não precisa de se desculpar, Sofia. Posso viver sem o relógio. Apenas me prometa que prestará mais atenção quando estiver na vila.

— Prometo. — Corei, enterrando a cabeça no seu peito.

Foi naquele momento que jurei a mim mesma que aquilo nunca mais se repetiria. Que nunca deixaria o Ian tão apavorado, que não o poria em risco outra vez. Ele podia ter partido o pescoço saltando do cavalo daquela forma para me salvar do atropelamento! E, sobretudo, prometi que nunca mais voltaria a partir algo dele, mesmo que indiretamente.

A Elisa e a Teodora começaram a conversar, mas eu sentia-me demasiado esgotada — e drogada — para participar. Fiquei a observar

o Ian por momentos até que adormeci — pelo menos é o que acho, já que não me lembro de nada depois disso. Quando abri os olhos novamente, estava no meu quarto, no casarão do Ian. Ele estava a tirar-me os sapatos, depois desfez a minha trança com toda a calma do mundo. Uma almofada macia fora colocada sob a minha cabeça.

— Não vais... — comecei, mas ele interrompeu-me, pousando o indicador sobre os meus lábios.

— Não vou. Agora descanse. — E beijou-me a testa.

Pensei que teria uma noite calma, mas, em vez disso, pesadelos com relógios despedaçados e o Ian encolhido num canto, com a cabeça enterrada nos braços, povoaram o meu inconsciente.

3

Na manhã seguinte, badalavam sinos na minha cabeça quando acordei. Bem, talvez fossem gongos. Ou martelos pneumáticos. Possivelmente uma mistura das três coisas.

Fiquei imóvel por instantes, avaliando o estado do meu corpo. Tudo estava no seu devido lugar, exceto a minha cabeça, que pulsava a um ritmo frenético. O restante doía como se eu tivesse levado uma sova — sobretudo o rabo —, o meu estômago contraía-se, e as sensações no antebraço esquerdo alternavam entre ardência, fisgadas e latejos constantes.

Ainda de olhos fechados, gemi ao tentar mover-me, amaldiçoando o médico. Ressaca de cerveja parecia o paraíso se comparada com o que eu estava a sentir naquele momento.

— Está acordada? — A voz profunda e ligeiramente rouca souo do outro lado do aposento.

Girei a cabeça, o que foi uma péssima ideia. A pior de todas que já tive! Ah, pensando bem, não foi a pior, não. Ter ido atrás do Santiago meses antes, pensando que ele também viera do futuro, tinha sido a pior de todas. Mas, definitivamente, mover a cabeça tão depressa naquele momento entrava para o Top 10 das Ideias mais Idiotas de sempre.

Encontrei o Ian sentado desajeitadamente numa cadeira junto à porta escancarada. Ele trocara a camisa e as calças manchadas de sangue por outras limpas e ainda tinha as botas calçadas. E parecia exausto.

— Ficaste nessa cadeira a noite inteira? — A minha voz saiu áspera.

— Era isso ou a senhora Madalena não me permitiria ficar consigo. — Ele levantou-se e as suas articulações estalaram.

— A tua governanta é um cão de guarda do caraça... — Tentei sentar-me, mas o quarto girou e deixei-me cair na almofada de penas. — Raios.

— Suponho que a sua cabeça esteja a doer e que tenha o estômago em polvorosa. — Ele pegou uma caneca na mesa ao canto e aproximou-se; então, sentou-se à beira da cama e afastou uma mecha do meu cabelo para trás.

— É mais ou menos isso. Lembra-me para nunca mais aceitar nada que o Dr. Almeida ofereça.

Ele esboçou um sorriso.

— Isto ajudará a que se sinta melhor. — Ele indicou a caneca.

Todo o meu corpo se contraiu sob o lençol e fiz uma careta.

— Não é uma boa ideia, Ian — comentei, enjoada.

— Confie em mim, vai sentir-se bem muito em breve. — E então lançou-me *aquela* olhar. Aquele que fazia as minhas entranhas dançarem hula-hula e o meu coração descontrolar-se.

— Vou vomitar outra vez! — avisei.

— Não vai. Garanto.

Movi-me na tentativa de me sentar, mas caí de novo sobre a almofada. Uma pontada aguda no meu braço suturado irradiou até ao núcleo do meu cérebro e fez a minha visão ficar turva.

— Raio de ópio!

O Ian riu-se baixinho.

— Permita-me ajudá-la. — Ele pousou a caneca na mesa de cabeceira e, muito gentilmente, ajudou-me a sentar.

— O que é ópio, afinal? Já ouvi falar, mas não sei bem o que é.

O Ian ajustou as almofadas nas minhas costas. Aproveitou a proximidade para colar os lábios nos meus pelo mais breve dos segundos.

— Bom dia, meu amor — sussurrou.

— Bom dia, Ian — suspirei.

Ele aproveitou-se da minha ligeira confusão para pôr a caneca entre as minhas mãos.

— Beba.

Olhei para o creme rosado e fiz uma careta.

— Tens a certeza de que... Ei! Não respondeste à minha pergunta! — dei-me conta. Eu tinha de parar de me distrair quando ele me beijava. Mas era tão bom, e os olhos dele brilhavam tanto!

O Ian respirou fundo, impaciente.

— Não há muito a esclarecer. O ópio é uma mistura de sementes e leite de papoila, muito eficaz para aliviar a dor.

Os meus olhos arregalaram-se e quase saltaram das órbitas.

Eu não era grande conhecedora do assunto, mas sabia que a papoila era a matéria-prima de uma droga poderosa e alucinogénia. Os jornais andavam sempre a falar dela.

— Drogaste-me com heroína? — Devia ser outro tipo de papoila, convenci-me. O Ian nunca permitiria que eu consumisse drogas.

— Conhece-la, então. O ópio do famoso Dr. Bayer tem esse nome. Heroína.

Pisquei, perplexa, e fiquei de queixo caído.

— Ian... não sei como te dizer, mas a heroína é um tipo de droga!

— É claro que é, e serve para aliviar a dor. — Abanei a cabeça depressa.

— Não percebeste. Não é uma droga género medicamento, é do tipo perigoso, viciante e... alienante!

Ele inclinou a cabeça, confuso.

— O que quer dizer com «alienante»?

— É tipo... tipo... ficar passado, maluco. Ver objetos dançarem e um homem lindo duplicar-se... — Levei as mãos à cabeça. — Ai, meu Deus, consumi uma droga. Ainda bem que estou noutra século. A Nina ia-me matar se soubesse!

Não que eu fosse bota de elástico; afinal, cada um faz o que quer da vida. Mas nunca me arrisquei sequer com um charro, tão comum em cada esquina do século XXI. E agora, no século XIX, experimentara *heroína* sem querer. Logo depois de quase ser atropelada.

Porque tinha a impressão de que tudo estava fora de contexto? O século XIX devia ser calmo e inofensivo!

— Eu não podia permitir que sofresse tanto se havia alternativa, ainda que má. — O Ian deslizou a mão pelas minhas costas bem devagar.

— Olha lá, a morfina também é feita de papoila, não é? — Isso eu podia aceitar. — Ou será que é a tintura de iodo?

— Não conheço tais nomes, mas esqueça esse assunto. Já passou.

— Sinto muito pelo teu relógio.

Ele encolheu os ombros.

— Está tudo bem, meu amor. Era apenas um relógio.

— A Elisa disse que era do teu pai.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Ofereceu-mo quando fiz 15 anos.

— Um presente bem porreiro.

— Na verdade, foi um prêmio. — Ele recostou-se na cabeceira da cama. — Foi o meu pai quem me ensinou a montar e tudo o que sei sobre cavalos. Ele era um excelente cavaleiro. O melhor! E sabia disso. Era por essa razão que me incentivava a ser tão bom quanto ele um dia. O título de melhor cavaleiro das redondezas sempre pertenceu a um senhor Clarke — explicou, meio envergonhado. — Desde muito pequeno, eu queria ser como o meu pai, tornar-me um dia um senhor Clarke tão bom quanto ele. E eu queria mais do que tudo ter um relógio. Ganhar o primeiro relógio é um marco na vida de um rapaz, Sofia. Assinala o dia em que o menino se torna homem. O meu pai dizia que eu só ganharia o meu quando o superasse numa corrida. As disputas começaram no dia em que fiz dez anos. E repetiram-se em todos os meus aniversários. Aos 15, venci-o. — Um minúsculo sorriso saudoso surgiu com a lembrança. — Em vez de me comprar um relógio novo, ele deu-me o dele, que ganhara do pai da mesma forma. É uma tradição da nossa família. «Este relógio pertence ao senhor Clarke vencedor, e esse posto agora é seu. Cuide dele até ao próximo senhor Clarke estar pronto para possuí-lo, Ian» — citou ele, entristecido. Então respirou fundo. — Três meses depois, com o inverno, veio a pneumonia, que levou o meu pai deste mundo.

— Oh, Ian... — Larguei a caneca na mesinha de cabeceira, pus os braços ao redor dele e apertei-o com força, pestanejando várias vezes para me livrar das lágrimas que se acumulavam nos meus olhos.

O Ian perdera algo que lhe era tão precioso, tão caro e insubstituível. Além do objeto que o ligava ao pai e a todas aquelas lembranças, ele perdera a hipótese de continuar uma antiga tradição de família. O próximo senhor Clarke nunca herdaria o relógio, pois ele já não existia. Tudo porque o Ian decidira lançar-se à frente de uma caruagem para impedir que ela me esmagasse. Senti-me responsável, minúscula e mais idiota do que nunca.

— Sinto mesmo muito — murmurei contra a sua camisa. — Talvez dê para consertar ou...

Ele abanou a cabeça.

— Ian... — Tentei devolver a bebida, mas ele recusou-a.

— Não é tão má quanto pensa.

Eu duvidava muito disso.

— Falas como se tivesses bebido gemada uma série de vezes.

O ambiente ficou mais leve quando ele disse de uma forma brincalhona:

— Sempre que foi necessário.

— Ah, sim? — perguntei, surpreendida. O Ian era tão perfeito. Não dava para imaginá-lo na borgia. — Então enganaste-me este tempo todo com essa fachada de bom rapaz?

Um meio sorriso desenhou-se no seu rosto.

— Nem sempre fui um cavalheiro exemplar, como bem sabe. — E, com isso, ele referia-se a ter-me levado para a cama antes de nos casarmos. Eu discordava totalmente, claro.

— E eu aqui a gabar-me de te ter levado para o mau caminho... — Fingi estar desapontada. — O que fazias? Mulherengo, sei que nunca foste. — Porque não houve ninguém antes de mim. Quer dizer, na cama dele.

Ele encolheu os ombros.

— Não fazia nada de mau e nem acontecia com frequência, mas um rapazote aprende a conhecer os seus limites testando-os. — Ele empurrou a caneca em direção ao meu rosto. — Não me ludibrie, Sofia. Beba.

Bolas! Eu tinha a certeza de que ele tinha esquecido.

— OK! Mas, se eu vomitar de novo, a culpa será toda tua.

— Assumo total responsabilidade.

A bufar, inspirei fundo e sustive o fôlego. Engoli a bebida de uma vez, como costumava fazer quando a minha mãe me dava medicamentos. O líquido era grosso, viscoso, doce e prendeu-se a cada canto da minha boca.

— Tudo. — Ele segurou a caneca junto aos meus lábios, inclinando-a para cima até que não restasse nada ali.

— Argh! — resmunguei, limpando a boca nas costas da mão e estremeendo ao sentir aquele creme escorregar para o meu estômago.

— Não se deite — alertou ele.

— Não era bem isso o que eu pretendia fazer — gemi, lutando para manter a gemada dentro de mim.

Passou-se um minuto inteiro até que eu conseguisse controlar os espasmos e respirasse de alívio.

— Sente-se bem? — quis saber o Ian, tocando no meu cabelo e prendendo-o atrás da minha orelha.

— Humm... Acho que... vai ficar aqui dentro.

— Vai, sim. — Ele inclinou-se e beijou-me ao de leve. Pelo menos no começo. Quando as coisas começaram a ficar realmente

interessantes, ele afastou-se. — A porta está aberta. Alguém pode ver-nos. Deseja alguma coisa?

Arqueei uma sobrancelha, sugestivamente.

— Sabe do que estou a falar. — O Ian riu-se.

Examinei o meu vestido sujo, as manchas de sangue seco próximas do curativo.

— Acho que um banho seria bom.

— Vou tomar providências. — Ele fez menção de se levantar, mas deteve-se. — Quer algo para ler mais tarde?

— Não. Tenho de ir à vila de novo. Ficámos de buscar o resto da tralha que me compraste. Ontem não coube tudo na carruagem.

— A Elisa contou-me quando veio visitá-la mais cedo. Ela deixou aquele embrulho. — Ele indicou o objeto na mesa ao canto. — Mas preferia que ficasse em casa hoje.

— Só magoei o braço, Ian. Tens de parar de te passar sempre que eu caio. Ou tenho gripe. Ou quase sou atropelada.

Ele comprimiu os lábios, visivelmente contrariado.

— Então vou acompanhá-la.

— Porque gostas de estar perto de mim ou por medo de que eu me meta em sarilhos?

— Porque também tenho assuntos a resolver na vila. Mas posso adiar, caso consiga convencer a Sofia a ficar em casa.

— Bom, eu ficaria se não tivesses comprado a vila toda. Sabias que tenho mais de 12 camisas de dormir no meu enxoval? E sabes bem que nem uso camisas de dormir! — Preferia dormir usando as confortáveis camisas velhas e manchadas de tinta do meu pintor preferido. Humm... Talvez o Ian estivesse a querer dizer-me alguma coisa ao comprar toda aquela lingerie... — A sério, Ian, tens de parar com isso. Daqui a nada não vai haver espaço para guardar tanta... — «porcaria», quis eu dizer, mas pensei melhor — coisa. E olha que a tua casa é do tamanho de um museu!

— Não vamos discutir esse assunto novamente. Recuso-me. — Ele levantou-se.

Arrastei-me para a beira da cama e levantei-me também.

— Vamos, sim! Tens de ouvir o que eu digo. Não quero mais nada. Já tenho tudo, porque te tenho a ti. E és a única coisa que eu quero e preciso! Nada de camisas de dormir, lençóis, coisas rendadas que nem sei o que são. *Tu*, e apenas tu!

Aquele sorriso malicioso que eu adorava surgiu finalmente. Um dos seus braços encontrou o caminho da minha cintura. O outro subiu para o meu rosto, e ali ele encaixou a mão e inclinou-o. Sustive a respiração.

— Não pode dizer-me essas coisas e esperar que eu me comporte como um cavalheiro, menina.

Os seus lábios encontraram os meus. Ergui os braços para enlaçar-lhe o pescoço, mas o Ian largou a minha cintura e deteve o meu pulso esquerdo a tempo. Fiquei um pouco perturbada, até que ele o apertou contra o peito — rijo, repleto de vales, coberto por uma pele sedosa e pelos macios — e o manteve ali, a sua mão grande a engolir a minha. O seu coração batia, rápido e forte, contra a minha palma. O ferimento no meu antebraço, aquele que ele mantinha cativo com tanto cuidado, pulsava ao mesmo ritmo. Derreti-me contra ele.

Demasiado cedo, o Ian separou as nossas bocas e encostou a testa na minha. Os dedos no meu rosto traçavam levemente a linha do meu maxilar.

— É melhor eu procurar a senhora Madalena, antes que ela nos encontre assim e me proíba de chegar perto da menina. — A sua voz estava rouca.

— OK... — murmurei, meio zozna.

Ele beijou-me mais uma vez antes de sair do quarto. Só quando fechou a porta é que me lembrei da discussão e de que ela não chegara a lugar nenhum. Como de todas as outras vezes.

— Bolas, Ian!

Soltei um longo suspiro e fui buscar os óleos. Desembrulhei os frascos, mas detive-me quando, sem querer, deixei cair o papel de embrulho. Alguns documentos e a caneta *Bic* que eu dera ao Ian estavam sobre a mesa. Ao que parecia, ele passara um bom tempo fazendo anotações e contas. Dei uma vista de olhos a uma delas. Franzi a testa tentando perceber melhor aqueles números, mas, antes que pudesse analisá-los com mais atenção, a Madalena e um empregado entraram no quarto carregando baldes de água.

— Bom dia, menina — saudou-me a governanta dos Clarkes, entrando e despejando a água na banheira. — O patrão informou-nos sobre o acidente. Lamento muito que se tenha ferido, mas fico contente que não tenha batido com a cabeça desta vez.

— Vou ser a noiva mais estranha que já viram, não vou? — comentei, olhando para a ligadura suja que já começava a soltar-se no

meu braço. Nem o lindo anel em forma de flor, com o seu brilho cintilante, conseguia suavizar a minha aparência sinistra.

— Não, minha querida. Será a mais bela, pois estará a unir-se ao homem que ama. E um simples ajuste na manga pode esconder o curativo.

Exatamente! *Madame* Georgette devia ter alguma coisa à mão para emergências como aquela, certo?

— Já levei todos os seus pertences para o novo quarto. — A Madalena verificou a temperatura da água. — O baú está preparado para a viagem. Tomei a liberdade de incluir algumas camisas de dormir do seu enxoval.

— OK.

Ainda não acreditava que teríamos uma lua de mel. Eu e o Ian iríamos às montanhas! Não sei bem o que isso significava, mas tinha consciência de que não era nenhum *resort* de cinco estrelas com empregados a levar caipirinhas à beira da piscina. Mesmo assim, eu estava ansiosa. E o Ian também.

Ele contou-me que a casa na região montanhosa pertencia à família Clarke há décadas. Os pais dele passavam muito tempo lá quando ele e a Elisa eram crianças, para desfrutar de alguns momentos de privacidade. O Ian pretendia seguir os mesmos passos, e seria a primeira vez que ficaríamos totalmente sozinhos. Quer dizer, sem contar com os empregados, mas até isso ele resolvera. Alguém prepararia tudo no chalé, e levaríamos comida que não se estragasse com facilidade. Não me importava com nada disso desde que, com os olhos a brilhar, o Ian mencionara um lago. A Elisa ficaria sob os cuidados da Madalena e do Gomes, e os Mouras permitiram que a Teodora permanecesse na quinta enquanto estivéssemos fora.

A governanta acabou de preparar a banheira e entregou-me o frasquinho com o creme de abacate, banana e água de coco. A Madalena era uma dádiva! Juntei um pouco dos óleos à papa e misturei bem com os dedos. Eu não tinha a certeza se eles fariam o meu condicionador caseiro durar mais, como informara o boticário, mas o aroma ficou muito agradável, parecido com o de um cosmético de verdade. Pedi à Madalena que me arranjasse uns frasquinhos para guardar o restante e fazer alguns testes de durabilidade. Ela assentiu e saiu assim que comecei a desabotoar o vestido.

Tomei um banho demorado, mas foi complicado não molhar a ligadura no antebraço. Recostei-me na banheira, deixando os membros

doloridos relaxarem, e espantei-me ao perceber que a dor de cabeça tinha desaparecido como num passe de magia.

Sorri. O Ian tinha sempre razão. Não que eu fosse dizer-lho alguma vez...

O meu sorriso desfez-se quando lembranças da sua expressão triste me invadiram, sem nenhum convite, a cabeça. Os meus dedos enroscaram-se por vontade própria no pingente do meu colar. Aquele com a letra *i* que a Nina me dera pouco antes de eu voltar para o século XIX. Eu sabia o quanto aquele relógio significava para o Ian, a dor que aquela perda lhe causava.

Eu tinha de fazer alguma coisa quanto àquele relógio, decidi, saindo da banheira e secando-me apressadamente. *Mas o quê?* A pergunta fervilhava nos meus pensamentos.

Enquanto me vestia, eu não fazia a menor ideia de que encontraria a solução para o problema naquela mesma manhã. Nem de que aquilo alteraria o meu futuro de maneira irreversível.

Sofia está de volta ao século XIX, e mais animada do que nunca para começar a viver o seu final feliz ao lado de Ian Clarke. No meio da loucura dos preparativos para o casamento, contudo, ela percebe que tornar-se a sra. Clarke não vai ser tão simples quanto imaginava.

As confusões encontram Sofia antes de ela chegar ao altar — e uma tia intrometida que quer atrapalhar o relacionamento de Sofia e Ian é apenas uma delas. Além disso, coisas estranhas acontecem na vila, e Ian parece estar a enfrentar alguns problemas que prefere não partilhar com a noiva.

Decidida, Sofia está disposta a tudo para ajudar o homem que ama. As suas ações, porém, podem pôr tudo a perder, e Sofia descobre que a única pessoa capaz de destruir o seu felizes para sempre... é ela própria.

Encontrada traz-nos de volta o mundo apaixonante de Sofia e Ian, permitindo-nos mergulhar uma vez mais nesta envolvente história de amor.

Leia também:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20120 editora

ISBN 978-989-8843-96-8



9 789898 843968

Ficção Romântica